

Anfitriões do deserto


No vale da Lua, região sul da Jordânia, beduínos aliam tradições milenares ao turismo moderno e apresentam um país encantador e cheio de contrastes

Texto | Camila Fróis

Fotos | André Dib

No vale da Lua, os beduínos recebem turistas em luxuosos acampamentos





A pesar do calor que tomava conta daqueles descaminhos mergulhados na areia, era impossível recusar o chá quente de ervas, uma mistura de sálvia, cardamomo e hortelã, oferecido com tanta gentileza. Numa longa túnica branca, o guia Mutlaq Zalabiah, 25 anos, havia preparado a bebida especialmente para brindarmos o pôr do sol do Wadi Rum, em seu acampamento, no meio de um labirinto de montanhas, vazios e silêncio. Enquanto o jovem contava nuances sobre a vida no deserto, a luz do crepúsculo ia transformando os tons ocres da paisagem em um impressionante avermelhado que tomava conta das dunas de até 60 metros de altura.

Ao sul da Jordânia, na fronteira com a Arábia Saudita, a região, também conhecida como vale da Lua, é como um santuário que mescla a grandiosidade de rochas monolíticas, a profundidade de desfiladeiros e o mistério de curiosos arcos naturais esculpidos ao longo de 720 quilômetros quadrados de área natural protegida. Suas avenidas, formadas entre fileiras de montanhas de arenito, guardam a história de 12 mil anos de ocupação humana, incluindo a passagem de povos pré-históricos, assírios, fenícios, nabateus, otomanos e os árabes nômades que perambulam há séculos pelas redondezas em trilhas invisíveis.

Orgulhosos de sua natureza andarilha, os beduínos jordanianos não costumam negar guarita a outras almas viajantes que recebem. A vocação para transformar as paisagens áridas e inóspitas do deserto em um ambiente acolhedor para hóspedes do mundo todo é que tem sustentado esses povos no vale e em seu entorno.

Essa é a especialidade de Mutlaq Zalabiah, membro de uma das famílias de beduínos que vivem num vilarejo fincado na areia, pastoreando rebanhos e cultivando ervas medicinais, cercados pela paisagem onde a umidade relativa do ar é próxima de zero. Cinco vezes ao dia, todos os membros param qualquer atividade que estejam fazendo e rezam em direção a Meca.

Quando acaba o pasto para os animais, eles “puxam o camelo” para outros cantos mais verdejantes do vale. Garantir a sobrevivência deles é cuidar da própria sobrevivência, já que esses animais são a base da atividade turística.

Além deles, esses novos nômades contam com cabras e carneiros para o consumo de carne, queijo, leite e retirada da lã, com a qual fabricam tendas simples para sua proteção. São cerca de 12 mil pessoas que ainda vivem do que o deserto tem para oferecer: a água de lençóis subterrâneos, a sombra das rochas, alguma vegetação rasteira para

Beduínos do Wadi Rum ainda pastoreiam animais que garantem carne, leite e lã



Mutlaq alterna-se entre a atividade de guia turístico e a criação de rebanhos

os animais e os cenários cinematográficos capazes de arrebatam visitantes dispostos a investir em aventuras por essas terras.

Com feições parecidas com as dos personagens dos filmes de califas, os moradores sempre usam roupas longas e lenços coloridos para evitar o sol na pele, empreendem caravanas de dromedários, assam pão sírio em fogareiros e adoram cantar e dançar sincronizados ao som das violas árabes.

A maioria dos beduínos que ainda levam esse tipo de vida, porém, é mais velha. Os jovens, em geral, acabam se mudando para cidades mais próximas, como Aqaba, a 72 quilômetros do deserto, para estudar. Hoje, alguns têm voltado ao vale da Lua para aproveitar as oportunidades geradas pelo crescimento do turismo associado às tradições locais. “Eu me mudei para a cidade quando tinha 7 anos de idade, mas descobri, aos 16, que ajudar as pessoas a experimentar o Wadi Rum era a minha paixão”, conta Mutlaq em um inglês desenvolvido.

Hoje, ele e seu irmão Sulliman Zalabiah levam uma vida dupla, entre o ambiente urbano e o deserto. Durante a temporada, trabalham como muitos outros beduínos que tocam o turismo por ali. Contam histórias, lideram caminhadas pelo vale desértico, dirigem picapes 4X4 até os melhores mirantes, organizam operações de escalada, cozinham e recebem viajantes em acampamentos turísticos. A estada no deserto,

com os guias, é sempre celebrada com uma boa fogueira, música e carneiro assado – em um preparo conhecido como *zarb*, a carne é embrulhada e cozida debaixo da areia.

Muitos dos moradores que trabalham com turismo, como o próprio Mutlaq, têm casa na cidade, carro, *smartphones*, Facebook e sua própria agência. “Eu me orgulho de gerenciar um acampamento divertido, seguro e confortável, que faz com que pessoas de todas as nacionalidades se sintam acolhidas”, conta o jovem empreendedor.

As paisagens deste vale começaram a atrair forasteiros nos anos 1960, quando o deserto virou set de filmagem do filme *Lawrence da Arábia*, que remonta às proezas do excêntrico oficial britânico, misto de arqueólogo, estrategista e escritor, que se mudou para o deserto durante a Primeira Guerra Mundial. Na época, ele montou uma base de operação no Wadi Rum e integrou a Revolta Árabe, que buscava a independência desses povos em relação aos turco-otomanos. Depois da experiência, Thomas Edward Lawrence escreveu o livro *Os Sete Pilares da Sabedoria*, que deu origem ao longa-metragem, consagrando a paisagem de dunas sem fim e tempestades vermelhas de areia.

Oásis pacífico no Oriente

Apesar de o conflito por território no Oriente Médio ter tido poucas tréguas desde a revolta liderada por Thomas Lawrence, a Jordânia transformou-se em um verdadeiro oásis de paz, sendo conhecida como um dos países mais conciliadores, abertos e moderados do mundo árabe – o uso da burca, por exemplo, não é imposto pelo estado, mas decisão das famílias e das mulheres. Composta em sua maioria por mulçumanos sunitas, a nação recebeu milhares de refugiados dos vizinhos Iraque, Palestina e Arábia Saudita durante a década de 1990. Na guerra civil da Síria, 122 mil pessoas cruzaram a fronteira jordaniana buscando proteção. Além de exilados, o país acolhe viajantes de diversos cantos do planeta.



O dromedário era o principal meio de transporte dos antigos beduínos. Hoje, ele é usado apenas em passeios turísticos

Mesmo com o frenesi turístico, muitos traços da cultura local têm resistido à globalização. Apesar de manter uma residência em Aqaba, para agenciar passeios pela internet, na baixa temporada, Mutlaq diz permanecer no vale para ajudar os pais a cuidar dos animais. “Amo viver no deserto. O Wadi Rum, com sua paz, sua beleza e sua hospitalidade, é um verdadeiro espelho da Jordânia”, orgulha-se o guia. Segundo ele, sua família ainda vive uma rotina simples, pautada pela intuição natural: “Quando meu pai sai com os rebanhos, ele é conduzido pela ‘estrela do pastor’”. E completa: “Os mais velhos dizem que, quando ela aparece no céu, é hora de voltar, pois haverá luz suficiente para chegar em casa”.

Para além das vilas tradicionais e das tendas do povo local, o deserto abriga, também, experiências mais ocidentalizadas. O Captain Camp, por exemplo, é um acampamento cinco estrelas, com água quente e acomodações modernas no sopé de

uma belíssima formação rochosa. Apesar da convencional cobertura com lã de cabra, as barracas são equipadas com camas e mimos como lamparina elétrica e tomadas para carregar *gadgets*. O jantar acontece ao ar livre, em um luau estreladíssimo, animado por música tradicional ao vivo, kafta, pão quentinho, babaganoush, outras iguarias árabes e muita Coca-Cola – vale lembrar que o acampamento no deserto é um dos poucos lugares turísticos do país que segue à risca o Corão, que proíbe o consumo de bebida alcoólica.

Tradição e modernidade

O acampamento serve também como ponto de partida para pequenas incursões no deserto, no lombo de dromedários conduzidos por Shaaban Radwan, 43 anos, um beduíno nascido no Egito que há dez anos atua na Jordânia. Apesar de não falar inglês, o guia interage com os visitantes fazendo gestos e coreografias para músicas



que ele mesmo canta, interrompendo, sem cerimônias, o solene silêncio do vale.

Quem extrapola sua estada na Jordânia para além do Wadi Rum percebe que o deserto e seus personagens são mesmo uma boa metáfora para explicar o pequeno país de cultura vibrante. Em seu território, costumes e tradições se misturam à modernidade, em ambientes nos quais mulheres cobertas da cabeça aos pés circulam ao lado de outdoors sedutores de produtos ocidentais.

A mesma tradição de receptividade do deserto está presente nas cidades, onde é possível sentir civilidade, respeito e acolhimento aos forasteiros. Na capital, Amã, entre bairros de arranha-céus espelhados, uma espécie de mantra é reproduzida pelos alto-falantes das mesquitas e convida os transeuntes apressados a diminuir o ritmo e se entregar à oração do crepúsculo (*salát al-maghrib*), em direção a Meca. Quem caminha de coração aberto pode desacele-

rar e apreciar paisagens inspiradoras em cada canto da Jordânia. Castelos no deserto, templos à beira do rio Jordão e o impressionante sítio arqueológico de Petra, a cidade esculpida na rocha pelos nabateus, povo nômade que se fixou na região no século IV a.C. atraído por suas muitas fontes de água e paredes de desfiladeiros, ideais para mantê-lo protegido.

Tudo isso ao longo de estradas imersas na areia, por onde, um dia, já teriam expedicionado Moisés e as 12 tribos de Israel, califas do profeta Maomé, caravanas de comércio distribuindo especiarias pelo Oriente e cruzadas cristãs. Isso sem contar personalidades mais recentes, como o próprio T.E Lawrence e o ator Harrison Ford, na pele de Indiana Jones.

Passagem para tantos viajantes, a Jordânia tem identidade própria, sem perder a capacidade de abraçar as diferenças de seus hóspedes e andarilhos. ●

Mar Morto: a salinidade elevada torna impossível afundar em suas águas

Monastério esculpido nas pedras pelos nabateus há 2 mil anos, na cidade de Petra

